

COLÉGIO ESTADUAL BAHIA - PROJETO ÉTNICO RACIAL Valorizando as contribuições dos Povos Negros e Povos Indígenas

Foto: Sérgio de Almeida



O [Colégio Estadual Bahia](#), Avenida Brasil, 5430 - Passarela 7 (RJ), do Ensino Regular: que atende 640 jovens: com 16 turmas (6) seis do 1º ano, (4) quatro do 2º ano e (6) seis do 3º ano; realizou nos dias 21 a 25 de novembro: O Projeto Étnico Racial, com o objetivo de mobilizar os alunos, [Comunidades do Conjunto de Favelas da Maré](#) e Adjacências, contou com a presença de Intelectuais, Professores, Convidados, Movimentos Sociais, e Autoridades, para participarem do **Projeto Étnico Racial: Valorizando as Contribuições dos Povos Negros e povos indígenas**. A Agenda incluiu: Rodas de Capoeira; Samba; Cine Debates; Oficina de Bonecos da Cultura Africana; Teatro fórum; Reflexões sobre a importância de artistas negros a partir da música; Artistas visuais; Jogos Africanos de Logica; Oficinas diversas, dentre elas: Entre formas e Cores da Estamparia da África; O Protagonismo Juvenil e Seus Impactos; Conversa com o Coletivo Preto; Invenções que não existiram se não fossem por mulheres negras; A Maré em 12 Tempos Com o Educativo da Maré; Trajetórias de Estudantes Favelados e Periféricos na Universidade, dentre outros. Por último: Sobre a Temática Indígena, a Convite do Professor de História, Sergio Almeida.



Com a palavra, o palestrante: Reinaldo de Jesus Cunha (Potiguara); Mestrando em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ; Abriu a temática em Sala de Aula, falando do artigo disponibilizado nas redes sociais: Não Sou Índio Sou Guarani; e Políticas Afirmativas para os Povos Tradicionais. O diálogo foi dividido em dois tempos com duas turmas: de 16:30 à 20:30 e 20:30 às 22:00, com participação maciça dos alunos em sala de aula, e corre corre pelos corredores, devido a eventos simultâneos. Reinaldo Potiguara, aproveitou para falar da importância da Temática Indígena, que foi objeto do [ENEM/22](#), com o Tema: "**Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil**".

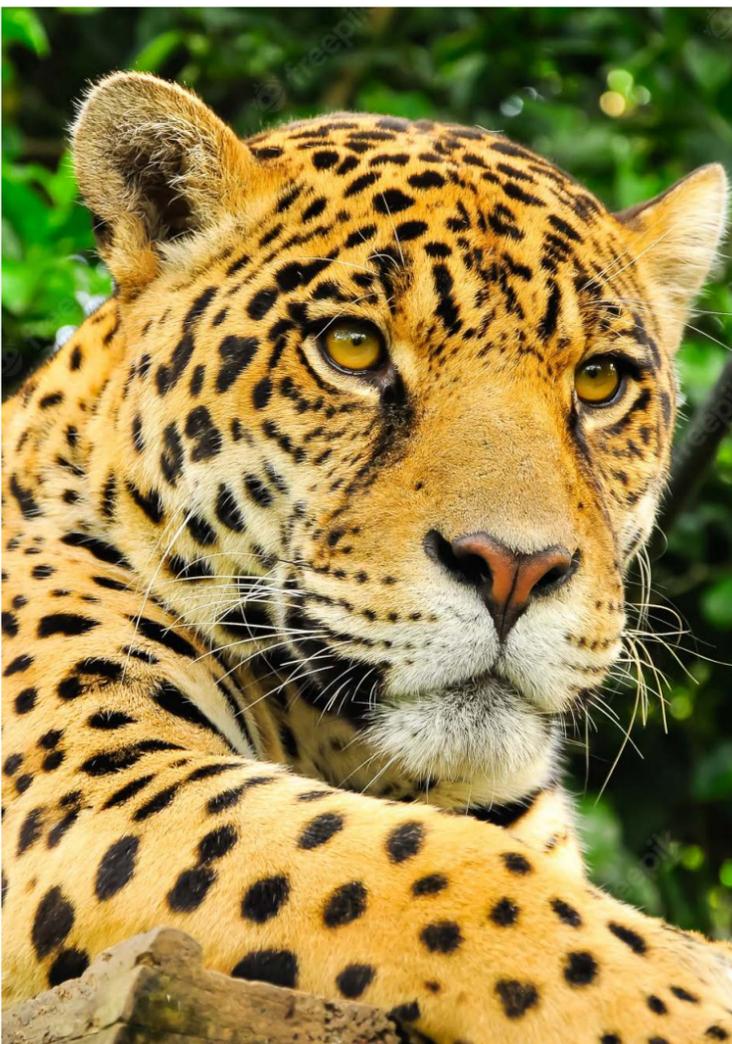
O DESAFIO DE VALORIZAÇÃO DOS POVOS TRADICIONAIS

Segundo o que nos conta: [Fabiula Neubern](#), coordenadora de [Redação](#) do Poliedro Curso, em entrevista à imprensa, a mesma ressaltou: "É importante, então, que o aluno pense em causas da dificuldade dessa valorização desses povos tradicionais e comunidades tão importantes para a cultura do país. E é possível, também, que ele pense em consequências da desvalorização ou da dificuldade de valorizar essas comunidades e povos". Com relação a Temática [Educação Indígena](#): Reinaldo Potiguara, argumentou: A [Lei nº 11.645](#), de 10 março de 2008 "tornou obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de [ensino fundamental e médio](#), porém não prevê a sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino superior para os cursos de formação de professores (licenciaturas)".

Fotos: Coordenadora Pedagógica - Josefa



A EDUCAÇÃO INDÍGENA NO CAMINHO DA ONÇA & RESISTÊNCIA AO ETNOCÍDIO DE ESTADO:



No artigo: [A EDUCAÇÃO INDÍGENA NO CAMINHO DA ONÇA & RESISTÊNCIA AO ETNOCÍDIO DE ESTADO](#): Reinaldo Potiguara argumenta: [...] "A Educação Escolar Indígena: "constitui modalidade de ensino, definida nos termos do Decreto nº 6.861/2009 das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, devendo ser garantidos princípios como igualdade social, diferença, especificidade, bilinguismo e interculturalidade". A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Plano Nacional de Educação (2001) menciona: "valorizar os saberes indígenas, com seus complexos sistemas de pensamento, proporcionando aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias". [...] "No Plano Estadual do Rio de Janeiro, pagina 23, instituída pelo Decreto n.33.033/03, criou a categoria "escola indígena" no âmbito da Educação Básica. "A [Deliberação CEE-RJ nº 286](#), de 09 de setembro de 2003, foram estabelecidas as [normas para a autorização, estrutura e funcionamento destas Escolas Indígenas](#), ao que se sucedeu a criação da Escola Indígena Estadual Guarani Karáí Kuery Renda, situada na aldeia Sapukai, no município de Angra dos Reis e das Salas de Extensão Tava Mirim (aldeia Itatim) e Karáí Oka (Aldeia Araponga); ambas no município de Paraty".

CRIAÇÃO DA CATEGORIA DAS ESCOLAS INDÍGENAS

Fotos: Alexandre Cassiano / Agência O Globo



No CAPÍTULO I DA CRIAÇÃO DA CATEGORIA DAS ESCOLAS INDÍGENAS, assim menciona: Art. 1º. Ficam estabelecidos no âmbito da Educação Básica, a estrutura e o funcionamento das [Escolas Indígenas](#), na condição de instituições com ordenamento jurídico próprio, respeitada a legislação vigente, e fixando as Diretrizes Curriculares do ensino intercultural e bilíngue, observada a valorização plena das culturas dos povos indígenas e a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica. Parágrafo Único. De acordo com o art. 231 da Constituição Federal, terras indígenas são as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios, as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. [...] “Com relação as Demandas das Escolas Indígenas no Estado do Rio: percebemos que falta uma aproximação maior da Secretaria de Educação com os Conselhos Instituídos: Seja o CEDIND e/ou CIEE. No Dossiê do Conselho de Educação Escolar Indígena do Estado do Rio de Janeiro, (2019), foram apontadas as seguintes prioridades: “1- Efetivar o Regime de Colaboração, construindo um Plano de Ação conjunto com Municípios de Maricá, Angra dos Reis e Parati, mediado pelo CEEI-RJ, previsto na Constituição e na LDB; 2- Criar a Categoria “Professor Indígena” no Sistema Estadual de Ensino; 3- Convocar Concurso Público pra Professor Indígena pro CIEGKKR - Colégio Indígena Estadual Guarani Karai Kuery Renda; 4- Convocar Eleição Direta pra Diretor do CIEGKKR, com a participação de professor indígena na gestão; 5- Contratar professores do 1º Segmento, pois: a) Falta prof. na Aldeia Araponga; b) Falta prof. na Aldeia Iriri (Pataxó) em Parati. 6- Contratar 07 professores do 2º Segmento, pois: a) Falta professor de História na Aldeia Sapukai (Angra dos Reis); b) Faltam professores de Matemática, Geografia, Língua Portuguesa, Língua Guarani, Educação Física e Artes na Aldeia Itaxĩ (Parati). 7- Implantar o Ensino Médio regular no Colégio Indígena; (com a construção de 3 salas de aula: uma para o Ensino Médio e 2 para o Fundamental) 8- Repor as aulas perdidas por falta de contratação de professores no calendário letivo do CIEGKKR para a necessária regularização dos anos letivos anteriores; 09- Implementar obras de infraestrutura nas Escolas, pois faltam salas de aula em: Sapukai (Angra dos Reis), Itatĩ (Parati) e Iriri (Parati).

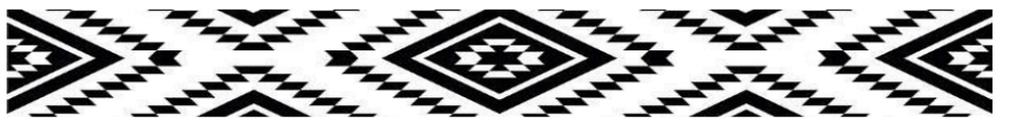
As salas de aula do Fundamental na Aldeia Sapukai são em espaços comunitários improvisados e sem condições mínimas de trabalho, sujeitas à interdição por qualquer fiscalização; não há prédio na Aldeia Iriri; (Não há sala para o Ensino Médio, que vem sendo no CEAV a um custo de transporte mensal muito alto.) 10-Incluir ações de Educação Escolar Indígena no PAR da SEEDUC-RJ em diálogo com o CEEI-RJ, garantindo maior transparência na aplicação dos recursos pra Educação Escolar Indígena; 11- Adquirir Material Escolar para todas as unidades; 12- Programar funcionamento da Secretaria na sede do Colégio Indígena na Aldeia Sapukai; 13-Reativar Sala de Informática no Sapukai e Parati Mirim; 14- Manutenção/Aquisição de equipamentos escolares para regularização da merenda Escolar. (“Faltam freezers e geladeiras”), dentre outros. A Comissão de Educação e Cultura do CEDIND, vem se esforçando para identificar os problemas e tem estabelecido um cronograma de reuniões, para uma agenda com o Governo do Estado do Rio de Janeiro e o Secretário de Educação: Essa contribuições objetos de reuniões da comissão que está sendo construído um documento; foram apresentadas sugestões, e prioridades a serem encaminhadas ao Cedind. Dentro das prioridades principal: **“O Concurso Público para Educação Escolar Indígena de Ensino Fundamental e Médio; Ensino Bilíngue, levando em consideração o reforço a língua indígenas”**.

NÃO SOU ÍNDIO, SOU GUARANI

Reinaldo Potiguara e Amarildo Guarani



Alguns acadêmicos indígenas vai dizer: “A arma do índio está em escrever na cascara da árvore para o branco”. Mas, penso? não precisa, pois, basta ver nas pinturas rupestres, corporais, sua maneira não depredatória e indenitárias na defesa da natureza.



Esse conhecimento oral vão passando de pai para filho neto, bisneto e tataraneto, garantindo a sobrevivência de idioma próprio e saber guarani.

Com relação ao tema proposto aos alunos do Colégio Estadual Bahia: [Não Sou Índio, Sou Guarani](#). Reinaldo Potiguara, argumentou que o tema, foi objeto de debate em várias instituições de ensino acadêmico, e que está disponibilizado em Redes Sociais. E que o tema em epígrafe, surgiu depois da entrevista com [o Pajé/Cacique \(acende fogo\) de nome \(branco\) Augustinho da Silva \(99\)](#), que na oportunidade da participação da Assembleia Ordinária do CEDIND/Conselho Estadual dos Direitos Indígenas RJ, em Paraty, (27/06/19) nos concedeu gentilmente uma entrevista. Na oportunidade do diálogo com Agostinho. O mesmo teceu comentários falando da natureza viva e do universo cosmológico/guarani; A relação com os parentes indígenas guaranis; [A dificuldade da Livre Circulação do Povo Guarani e animais como a “onça” no território de Juruá](#). O texto também faz uma reflexão de mundos opostos: [O de Nhanderú](#), que não delimita cerca e permite a livre circulação de homens e animais no universo de Juruá. E do [território de Juruá](#) com suas cercas e arames farpados, para impedir a livre circulação de homens e animais, nesta vastidão de terras e florestas. E os que ousam pular a cerca sem aviso prévio, serem mortos sumariamente inclusive com apoio estatal. Recente, com a eleição do Presidente Jair Bolsonaro: Os “Proprietários de Terra e Grileiros”, tem intensificado o desmatamento em terras indígenas e contribuindo para o desequilíbrio ecológico. A fala do presidente, tem dado ressonância, uma espécie de salvo conduto e livre arbítrio, para matar e exterminar todos os seres vivos: ai incluindo homens e animais da floresta. A narrativa da luta dos Guaranis Mbay, apontam para uma luta permanente a busca da “**Terra Sem Males**” e no protagonismo do seus agentes; condutores e sujeitos da sua própria história. E essa construção não se limita a escrever para os indígenas e Juruá a visão da cosmologia guarani. Mas, explicar que a educação tradicional indígena é um fenômeno social em que os mais velhos transmitem seus conhecimentos às gerações mais novas pelos conhecimentos adquiridos pela ancestralidade. **Esse conhecimento oral vão passando de pai para filho neto, bisneto e tataraneto, garantindo a sobrevivência de idioma próprio e saber guarani.** Na (Opy) casa de reza guarani, a comuna participa da cura do espírito com cânticos, danças; arte de lutar e viver em louvor a Nhanderú. **Por meio do convívio comunitário; a repartição de tarefas; plantio de sementes para colheita do alimento.** Embora, a luta pelo reconhecimento da soberania do povo guarani continue até os dias atuais.



POLÍTICA DE DESVALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA

O governo brasileiro continua com a sua política de desvalorização da identidade étnica guarani, com sua prática genocida e do etnocídio cultural. O discurso recorrente do governo é integrá-lo ao meio, desconsiderando a sua identidade enquanto nação guarani. E para sobreviver a essa intempérie, as agressões de Juruá, os guaranis buscam autonomia de suas terras, através do plantio, colheita e venda de seus produtos de artesanato, e a produção de seu próprio alimento. O lugar da fala indígena, ameríndio na sociedade contemporânea, faz com que nós militantes indígenas, busquem o resgate das nossa línguas; oralidade; educação e/ou cosmologia em contraposição a Juruá. Muito temos que aprender com as nações indígenas, principalmente com a preservação da natureza e respeito a fauna e os animais. Pois, na natureza tudo tem vida, tem um sentido. Chegou a ora da juventude indígena ocupar os espaços que são de direito nas universidades públicas, serviço público, imprensa, e/ou construído, contrapondo, reafirmando o saber dos ancestrais, os encantados da floresta contra o etnocídio branco. Alguns acadêmicos indígenas vai dizer: “A arma do índio está em escrever na cascara da árvore para o branco”. Mas, penso? não precisa, pois, basta ver nas pinturas rupestres, corporais, sua maneira não depredatória e indenitárias na defesa da natureza. Contrapondo dois mundos: povo preto e originário:

Reinaldo Cunha, aproveitou também a ocasião para falar para os alunos a respeito da [Temática Africana](#), e da sua importância para a formação do estudante de comunidades de periferia e comunidades urbanas, inclusive as do Complexo da Maré. Segundo Reinaldo: As comunidades de Favelas, tem em sua maioria o povo preto e indígena. Acontece que devido ao apagamento cultural que foram submetidas, desconhecem o seu legado devido ao processo de catequização e colonização pela coroa portuguesa. A palavra Pardíssimo em nossa sociedade é um campo de disputa. No momento atual, precisamos nos [Descolar da Colonialidade](#). E não é uma tarefa fácil, dada o epstemicídio. Mas ressaltou: se faz necessária.

Foto: Sérgio de Almeida



Com relação A FILOSOFIA E DECOLONIALIDADE DE SABERES AFRICANO. [A Filosofia Africana na antiguidade, ancorado nos estudos de Théophile Obenga](#), o conceito Rekhēt, palavra na língua egípcia antiga para Filosofia, cujo exercício visa a busca pela verdade em [Maat](#). A Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro - IFCS/PPGF, [Kátiuscia Ribeiro](#); Coordenadora do Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios – Geru Maa/IFCS/UFRJ. Nos conta que o Egito que conhecemos hoje, na verdade é Terra de Preto. Em sua Tese de Mestrado: KEMET, ESCOLAS E ARCÁDEAS – Filosofia Africana, assim resume: [...] “Eu estudo a filosofia nascida no Rio Nilo, em Kemet, terra preta, no Egito. É como os próprios habitantes do local assim se identificavam como pretos. É como nos apresenta [cheikh anta diop](#). Na minha monografia de dissertação Mestrado, fiz uma pequena abordagem sobre a filosofia africana, a partir de uma perspectiva do racismo epistêmico: [Kemet, Escolas e Arcádeas: A importância da Filosofia Africana no Combate ao Racismo Epistêmico e a Lei 10639/03](#). [...] “A noção básica de filosofia no antigo Egito. É uma busca de uma perfeição moral e espiritual. Na filosofia antiga, estamos falando de uma sociedade que não tinha a filosofia como nós compreendemos hoje. [...] “A filosofia na África, era um modo de vida, de ser estar no mundo.

A FILOSOFIA E DECOLONIALIDADE DE SABERES AFRICANO

A filosofia como compreendemos hoje, é uma filosofia em contraposição a filosofia Kemetica, é uma filosofia hi-possuficiente. Pois, o que é o IB, é o coração no seu aspecto metafísico. E a forma da aquisição de conhecimento se dava pelo sentido, “Razão e Emoção”. Elas andavam lado a lado, pois nós somos seres que temos estímulos, somos seres cósmicos, pois, para que eu pudesse ter equilíbrio e retidão, eu tinha que estar no equilíbrio de Maat, que é a Pedra Angular da Filosofia. Ela nos possibilita o entendimento da vida”. E continua Katuscia no doutorado em filosofia, com o estudo Filosófico de [Amenomope](#), [Ptaotepe](#), sobre uma perspectiva de [Teófilo Obenga](#), acrescenta: “Passei a perceber que eles falam de Maat, que diz: “Maat, é a pedra angular da filosofia africana”. Ela é uma deusa negra, feminina, uma mulher na filosofia. [...] “[Maat, é um sistema filosófico](#), e a noção e compreensão de pensamento, passa por um princípio coronário, uma cardiografia do saber, de sentir os saberes da vida, ancestralidade. Eu tenho pensado no meu trabalho de tese de doutorado, a compreensão de um sujeito, que ele sente para coexistir. A filosofia em Maat, durou quase cinco séculos. E essa violência que vimos na atualidade não existia: porque existia um ideal moral, e esse ideal era Maat. Que era sobretudo um ideal comunitário, porque estamos sobre uma visão holística: que pressupõe uma ética individual, mas também pressupõe uma ética coletiva. Mas porque o IB? Quando nossa mãe está em um processo na gestação, o primeiro organismo que se forma é o coração. Pois dá gota de sangue da mãe, forma esse ser. E na medida em que esse coração se forma, você tem contato com o seu criador que é a mãe”. [...] “[Passei no vestibular para economia](#), mas fiquei doente e precisei adiar os planos. Depois, pelas vagas remanescentes, entrei no curso de filosofia, disciplina com a qual não havia tido contato nem na escola. Minha primeira impressão foi negativa e quase desisti. Porém, lendo estudos do filósofo Molefi Kete Asante sobre o continente africano, voltei minha formação para essa área”.



Fotos: Coordenadora Pedagógica - Josefa

Com relação a Luta das Mulheres, Katuscia nos referencia: [...] “Tem uma [escritora Nigeriana Oyèrónke Oyéwú-mí, que escreveu “A Invenção das Mulheres”](#): Ela fala da mulher como matre-potência, por que são criadoras do Universo; porque dão vida aos seres. Ela também nos alerta para cosmo-sensibilidade a partir de uma perspectiva de Maat. Nós temos que entender que Kemet, não era a única escola mas as pessoas iam estudar. Além do IB, que é um dos sentidos. É importante distinguir que existiam cinco elementos vitais: o KA, que é que a Energia Vital, o BA, que o elemento da Alma, o Sheut, que é a sombra. O KA, chegou aqui no candomblé. Mas o Axé que chega aqui no candomblé, é um elemento de força espiritual, é um alinhamento para que a gente não chegue ao caos. Quando estamos no candomblé, o astral tem que estar em alta vibração. Porque o ser é um todo, todos os elementos que compõe o universo. A ideia que sou porque tu és; eu sou por que nós somos. Eu não sou só: tenho minha mãe, minha vó, meu pai. Não sou um ser individual, o eu. Eu sou o nós. Eu tenho tentado fazer essa investigação, porque eu recebi a gota de sangue da minha mãe; minha mãe recebeu da minha vó. Meu pai recebeu da avó, e assim sucessivamente. A ancestralidade ela não se finda. E ai, negro Bispo, que é grande figura, pensador da atualidade, grande filósofo, tem uma frase muito importante: “Somos começo, meio e começo. O futuro é ancestral e o que significa?”

A LUTA DAS MULHERES

Abdias Nascimento fala de uma micro poética, que é a distinção do Logos pra nós. Se tem uma coisa que não produzimos foi a religião. Ela é uma distinção que não existe. Porque o Mito que compõe a nossa realidade; o que não se vê que é essa noção de matéria, pois, quer dizer religar a algo. Essa ideia de religião que precisa religar a algo, que não está em ti, é uma singularidade ocidental. [Mogobe Bernard Ramose](#), diz que o ocidente se ancorou no cristianismo, é porque o cristianismo precisou impor uma verdade, por que através desta, ele domina. Mas eles dominaram com a razão e não o ory. Pois o que manteve a população viva até hoje É a noção de espiritualidade. E isso não se finda, não se perde”. [...] “[História é poder](#). E uma das bases que alicerçam o racismo é o epistemicídio. O epistemicídio chega antes da bala, chega antes da corrente, chega antes das violências e das desigualdades. Porque, se você não tem uma base que alicerça uma história humana que não seja uma história somente de açoite e chicotes, o que você reconhece na nossa população e como isso cria, na nossa subjetividade, um lugar de desumanização das nossas populações negras. Então, quando você reintegra a história, você reintegra uma possibilidade de reconhecer esses sujeitos que não seja pela desumanização”. [...] “Ori, palavra da língua iorubá que significa literalmente cabeça, refere-se a uma intuição espiritual e destino. Ori é o Orixá pessoal, em toda a sua força e grandeza. Ori é o primeiro Orixá a ser louvado, representação particular da existência individualizada (a essência real do ser). É aquele que guia, acompanha e ajuda a pessoa desde antes do nascimento, durante toda vida e após a morte, referenciando sua caminhada e a assistindo no cumprimento de seu destino”, concluiu.

Foto: Karla Brights / Claudia



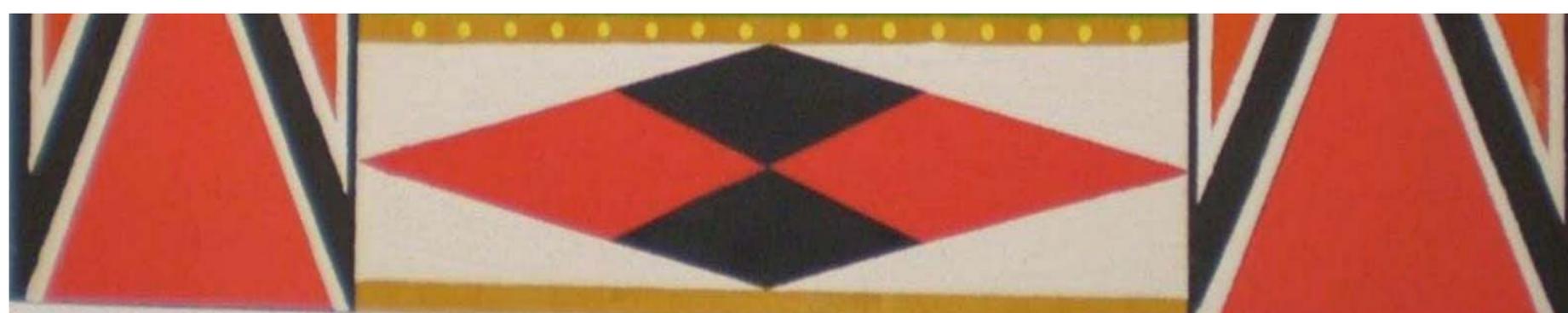
O que é a [Lei de cotas?](#) O que determina a [Lei n. 12/711/12](#). A Lei garante reserva de 50% das matrículas nas Universidades Federais; Institutos Federais de educação, ciência e tecnologia e alunos oriundos integralmente do ensino público em cursos regulares ou educação de jovens e adultos. Os demais vagas permanecem para ampla concorrência. As [cotas Raciais para os Povos Indígenas](#), embora possamos visualizar em vários concursos para o ingresso de estudantes na Universidades Públicas. Na prática, percebemos uma burocracia muito grande.

Acomeçar por pedido de Declaração ao Estudante Indígena, de uma Declaração da FUNAI, e/ou RANI – Registro de Nascimento Indígena. Não basta só o aluno colocar de próprio punho uma Declaração dizendo que é indígena. Há um entulho de burocracia que se torna verdadeira aberração; o que impossibilita qualquer iniciativa por parte de alunos de escolas públicas assumirem a sua identidade indígena. Geralmente além destes documentos, outros são pedidos como: Declaração de três lideranças como: o cacique ou pajé além de instituições que tenham como finalidade a causa indígena. Eu próprio passei por isso sendo egresso do ENEM de 2020, na UFRJ. Diante da burocracia anti-indígena, de heteroidentificação (‘análise fenotípica do autodeclarado’) na UFRJ, para o curso de graduação em Filosofia: entre indígena, pardo e preto, optei por pardo. Pois, percebi que não tem nenhuma objeção ao pardo pelas Comissões de Heteroidentificação. Fiz a mesma coisa na UFU - Universidade Federal de Uberlândia, na Segunda Chamada do semestre de 2021, para Geografia, pois não havia nenhuma exigência, a não ser, escolher entre ser: “pardo preto; negro pardo ou indígena. Se você colocasse indígena, você tinha que anexar o RANI e Declaração da FUNAI, o que a meu ver fere a Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) quando menciona: no Artigos 3º; 1. “Os povos indígenas e tribais deverão gozar plenamente dos direitos humanos e liberdades fundamentais, sem obstáculos nem discriminação. As disposições desta Convenção serão aplicadas sem discriminação aos homens e mulheres desses povos; 2. Não deverá ser empregada nenhuma forma de força ou de coerção que viole os direitos humanos e as liberdades fundamentais dos povos interessados, inclusive os direitos contidos na presente Convenção”.



Ainda no Art. 6º os Governos Deverão: a) consultar os povos interessados, mediante procedimentos apropriados e, particularmente, através de suas instituições representativas, cada vez que sejam previstas medidas legislativas ou administrativas suscetíveis de afetá-los diretamente; b) estabelecer os meios através dos quais os povos interessados possam participar livremente, pelo menos na mesma medida que outros setores da população e em todos os níveis, na adoção de decisões em instituições efetivas ou organismos administrativos e de outra natureza responsáveis pelas políticas e programas que lhes sejam concernentes; c) estabelecer os meios para o pleno desenvolvimento das instituições e iniciativas dos povos e, nos casos apropriados, fornecer os recursos necessários para esse fim. 2. As consultas realizadas na aplicação desta Convenção deverão ser efetuadas com boa fé e de maneira apropriada às circunstâncias, com o objetivo de se chegar a um acordo e conseguir o consentimento acerca das medidas propostas. A CRFB, recepcionou os Tratados Internacionais, e cuidou de regulamenta-los. Por isso, não podemos em pleno Século XXI, ficarmos discutindo que para ser indígena tem que ter tutela de entidades e órgãos públicos. Ao meu ver não tem cabimento tal exigência. Esse tema está longe do esgotamento, uma vez que vimos brancos ocupando lugares de pretos e indígenas nas universidades e nos concursos públicos por reservas de vagas. Entendendo as singularidades do povo preto e indígenas nas universidades; compreendo que deveriam os gestores: facilitarem o ingresso do estudante. No mais, para que não paire dúvidas ao meu ver: Solicitar ao candidato, apoio de instituições em um total de três, e/ou lideranças para ratificar a auto declaração. Como disse antes: Declarar-se pardo, também é declarar-se indígena e preto. Pois somos a mistura de raças... e vai da consciência de cada um.

Fotos: Coordenadora Pedagógica - Josefa



O evento: PROJETO ÉTNICO RACIAL Valorizando as contribuições dos povos negros e povos indígenas, realizado no Colégio Estadual Bahia, nos dias 21 a 25 de novembro; foram atividades de grande sucesso para a escola, pais e alunos. Pois essa atividade de mobilização da comunidade nos possibilita o engajamento de pais, alunos professores, convidados, palestrantes em uma verdadeira Ciranda Cultural. Atividades intensas como a articulada ganhamos todos... principalmente os alunos. Os desafios ainda são enormes: a começar por descolonizar os saberes eurocêntricos de mundo; para passarmos valorizar os saberes afro-ameríndios. Senti um forte entusiasmo com as duas turmas que tive acesso. Percebi que os alunos estão antenados com a temática proposto pelo ENEM/22.

Fotos: Coordenadora Pedagógica - Josefa



ANÁLISE CONCLUSIVA

Percebi que os alunos estão antenados com a temática proposto pelo ENEM/22. Na oportunidade perguntei se eles sabiam o que eram um quilombo urbano? Muitos ficaram espantados com a pergunta, pois, não identificavam na Maré um quilombo. Foi daí que conclui dizendo: Aqui no [TIMBAU do tupi thybau](#): "entre as águas": tem uma [Antiga Fábrica](#) que faliu de Nome Quantozolite, (["Portelinha"](#)), cujo os Ocupantes são oriundos do norte e nordeste; e sua maioria são preto, pardo e indígena. Os mesmos, não possuem [Título de Propriedade](#), assim como os que moram nas dezessete favelas que compõe o Complexo da Maré. A vida não é nada fácil, para quem vive em [Cidade Dormitório](#), como as de [comunidades de favelas](#). Mas como vocês podem notar, os que moram próximos: São [pessoas felizes](#), que trabalham e/ou até estudam à noite para conseguirem um bom emprego. Podemos ver que temos empreendedores, músicos, artistas, poetas, dona de casa, cabelereiro, feirante, professores, e estudantes. Nos referenciando no presente: podemos dizer que somos eleitores, votamos, temos cidadania. Até parlamentares, temos aqui eleitos, como foi o caso da Mariele... e Renata Souza, reeleita Deputada Estadual, para o segundo mandato de Deputada Estadual. E isso temos que comemorar e dizer: "é motivo de orgulho ter uma mulher preta, nos representando". E continuando: "não podíamos estar em momento melhor para estar otimistas". Pois, com a mudança do Governo Federal, com um novo presidente eleito, oriundo das classes trabalhadores; [temos motivos para acreditarmos que o país vai mudar](#). E para isso, nós oriundos de escola pública, temos que defender a política de cotas nas universidades e escolas públicas. Devemos politizar a discussão e dizer: são instrumentos eficientes de reparação as comunidades oriundas das diásporas africanas e originárias. Neste momento, com a eleição do presidente Eleito, Luiz Inácio da Silva; [E a crise por que passa as Universidades sem recursos para sua manutenção](#). Precisamos nos mobilizar enquanto sociedade civil para exigir das autoridades mais [recursos](#) para as [Universidades Públicas](#). Concluindo: O [PROJETO/ ÉTNICO RACIAL: Valorizando as contribuições dos povos negros e povos indígenas; na materialização de conquistas e saberes afro-ameríndias, como proposto no Colégio Estadual Bahia](#), nos diz tudo. E nesse sentido: quero agradecer a Direção, professores e alunos e convidados que estiveram presentes e que me permitiram dialogar sobre as "Epistemologias Locais e Saberes Afro-indígenas", com o Artigo: "Não Sou Índio Sou Guarani, e a Luta Natural Contra o Estado". A participação dos alunos fazendo perguntas, interagindo, nos permitiu em um espaço em formação de teatro de arena, dialogar e trocar saberes. No final da resenha e diálogos ancestrais: o professor Sergio Almeida, agradecendo os alunos; falou de uma questão do ENEM que foi objeto de prova; a valorização das ações em articulação em toda a escola com a sociedade civil organizada; e encerrou os debates com os aplausos de todos. Rio, 25 de novembro do Ano de 2022.

Fotos: Coordenadora Pedagógica - Josefa

